



ESCREVER A RESISTÊNCIA, ESCREVER A RECUSA

André Queiroz
Universidade Federal Fluminense

(Para o Guilherme – de quem ouvi, contrariado, pela vez primeira, ou aos começos, a palavra Foucault)

*Não possuo a mais modesta Weltanschung que possa satisfazer a uma pessoa respeitável
ou germânica: proíbo a esses inspetores do urbanismo filosófico que leiam este livro
(não vejo, ademais, para que iriam lê-lo); contudo, se insistem em fazê-lo, quero poupar-lhes trabalho:
principiem pelo [verbete] “Gengis Kant” [ele diz: Bárbaro conquistador e filósofo alemão].*

Tenho vários espantalhos como esse.

Ernesto Sabato

Resumo: O ensaio aborda a questão da escritura – a sua razão, o seu ‘para quê’, a sua destinação, o seu ‘para quem’, e os modos nos quais se delinearía o espaço literário. Diálogo inconcluso como terceira margem com relação às inflexões críticas de Sartre e Blanchot

Palavras-chaves: escrita; resistência; poder; espaço literário

Abstract: This essay deals with the writing question -- its reason, its "what for", its destination, its "for whom" , and the ways in which the literary space is delineated. Unfinished dialogue as a third image in relation to the critical inflexions of Sartre and Blanchot.

Key words: writing; resistance; power; literary space

I

Há de se começar sem cessar. Não fiar-se nunca à palavra ‘começo’. Tomamos de Blanchot esta sugestão. Não fiar-se à palavra ‘começo’ como quem a ela se agarra e a ela se gruda evitando, todavia, o que lhe está suposto. Porque tantas são às vezes nas que é o salto e o desafio do salto o que se interpõe entre vontade e ato. Porque tantas são

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

às vezes nas que se esteve à caça aos fiadores a autorizar o ato mesmo no que a vontade está de toda mergulhada. Autorização que é ela a meia prova – ou a prova inteira de que não lhe será uma vez e tão logo o fiador. Signo sinal de que não se dispõe ao mergulho abismado este ‘aquele’ que se distingue sob a insígnia do sobrevivente. Dizer do mergulho a condição nefasta do naufrago e desautorizá-lo. Prefigurá-la desde logo a condição na que se estaria. Desde antes a gerência dos riscos. Desautorizar o corpo a prova o começar sem fim a eles. Mas ao quê esta contenção, esta percepção aos tempos, esta vontade de gestão? Vestir *a vontade* de roupas de proteção e isolamento contra o que for – espécie de silicone impermeável. Vestir-se aos modos de quando a friagem ou dos ‘quandos’ ao alto forno - o coturno até quase a cinta a ver se os pés não se encharcam das lamas à estepe, os lenços à cabeça a túnica aprumada ao corpo que o deserto ele se incrusta a pele. Evitar que se resfrie. Evitar o encharcado aos pulmões. Evitar que se esfalfe. Evitar o gelado dos suores. Furtar-se ao cair das tardes nas que o minuano faz lembrar que os trópicos não apenas nos prometem o calor das estações. Porque se está à busca, tantas às vezes, de um porto no que se enganchem as mãos - os credores à garantia de que se for grave o abismo (o desastre) ainda e sempre haverá a saída como a de um tiro pela culatra, a repetição asséptica às intenções ao ‘certo’, ao ‘verdadeiro’, plasmar-se desde os modos a este – e repetir e repetir, o eterno retorno da repetição às tentativas de branqueamento do que lhe for o erro (*está-se à tutela da verdade, ou ao menos é aí ‘o onde’ se quer estar, e então é que o erro ele está disposto*) no que o que se faz morta é a disponibilidade mesma àquele começo que não cessa (e que não se repete – *afirmação inequívoca do paradoxo*). Tratar de esquecer a palavra ‘começo’. Pelo que se encerra uma vez a palavra, esta, a palavra ela encerra. Pelo que a ela ou a nós *ao quando dela* nos buscamos o ‘situar’ de nós. O dar-nos um sítio. O arrendar-nos um bom bocado de terra. O cercá-las das muradas e dos arames e da porteira. O investi-las aos cartórios. O cuidar de que o gado ele esteja dentro. E que a ele, ao sopé do dorso, esteja a marca das iniciais (*um autor ali um proprietário? O autor ali o mandatário dos destinos à escritura?*). O bradar de que se a possui, de que se o possui, terra e gado, uma vez os títulos de propriedade que nos parecem dizer *a terra o gado tudo é o que se me será*. Tratar de esquecer os contratos nos que o começar ao começo ele está elencado às alíneas e aos incisos. Situar-se a este esquecimento. Deslocar-se com relação a ele e a ela – a palavra, o texto do contrato. Abandoná-los até

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

que o começo se faça – e ao abandono do começo eis que a inscrição é ao ‘entre’. Abandoná-la até que a terra se restitua ao inominável. Abandonar-se ao sem nome da terra, ao sem nome do começo no que este é contínuo. Que não cessa o começo. Que ele não se principia – ele que é sempre, ele *no* que estaríamos desde sempre (*sempre antes, sempre novo – o mais velho, o mais recente, nós a ele, ele a nós, sem que se nos haja o halo por onde se insista a distância*). Afastar-se, vez ou outra, de toda margem na tentativa tentação de que o estar-se ao começo não se nos oblitere no tanto daquela paragem - grau zero, o *ponto* de partida (e engate), e então a condenação – um Sísifo a ela - o solavanco num a frente, lança recuo sobrelanço, e então e outra vez, o início a paragem o estacionário como condição a um processo em que ele mesmo se faz estancado. *Começar sem cessar*. Desde onde? Para quê? Para quem? Começar pelas perguntas que, quem sabe, elas se nos inscrevam a um plano de metas, que quem sabe elas nos alavanquem a uma destinação plasmada desde a origem? Que quem sabe ela nos oriente o ‘aonde ir’ – estando de fato o Oriente sempre ao plano mítico no que nunca é que lá se chega for o caso ao ‘para lá’ se estar orientado. Ainda assim as perguntas e o plano que é o das metas? Cerzir os meios até o fim? Tecer-lhes a trama do ‘junto’ – novelo de Penélope cuidadosamente tramado a que nunca ele se desate, a que nunca ele se componha, e ainda assim insistir que é do compor obstinado que se vai até o fim dos carretéis? Embargar Penélope for o caso às apostas a Ulisses – o viajar que é tanto que sequer que à viagem o corpo ele se faz exaurido. Embargar a cena da chegada sobretudo porque a ela parece pairar o desmonte dos segredos e do encanto que de à boca das sereias é aquele som que é o delas este começar que nunca se situa a um começo, que é o delas este deslize no que se perde de si quem por ele trafega¹, que é o delas este convite a convocatória no que se está a oferecer o que não se dá ao claro da oferta – ato e costume da sedução. A sedução para com os começos, o começado, a sedução para quando que eles, o estar envolto ao que a um só tempo é torpor e lança – embriaguez e êxtase. O estar-se ao quando do canto – filamento falho de voz, sopra na

¹ Aqui é Blanchot (1959): “As Sereias: sim, parece que cantavam, mas de um modo que não satisfazia, que indicava apenas a direção em que se abriam as verdadeiras nascentes e a verdadeira felicidade do canto. Todavia, pelos seus cantos imperfeitos, que não eram senão um canto ainda por vir, conduziam o navegante a esse espaço onde cantar começaria verdadeiramente. Não o enganavam, pois, levavam realmente ao objetivo. Mas uma vez atingido o lugar, que acontecia? Que lugar era este? Aquele onde só restava desaparecer, porque a música, nessa região de nascente e de origem, tinha ela própria desaparecido mais completamente do que em qualquer outro sítio do mundo: mar onde, ouvidos fechados, se afundavam os vivos, e onde as Sereias, como prova da sua boa vontade, deviam, também elas, desaparecer um dia” (p.11).

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

urdidura sem traçado no que se caminha o caminhante. Terra móvel casa de areia pegadas de lobo de estepe. Começar sem cessar desde o aí que não há. Que ele se apaga aos ‘quandos’ do caminho. Que ele se arranca nesta visada contínua de que ao fundo não há a raiz mas o arrancado². Estar-se antes às Sereias do que à Penélope imóvel ao palácio dos príncipes, disposta e dispondo da soberania ao entorno e para o entorno que a cauda de seu manto será a *evitação* de que os pés eles também se calejem do caminhar do caminho. Pés de princesa, a promessa, o par perdido que se lhe encaixa, o desmanche do feitiço. Perfeito os pés, perfeita a sapatilha, precisa a redenção do mistério, tudo justo tudo junto, o belo o bom o equilibrado, o não tensionado. Conjuração da aposta. Conjuração do mergulho. Conjuração do abismo quando é do abismo (o desastre) o de que se trata, mas ainda assim a conjuração dele ao ‘*meio delírio* da histórica’ (uma Penélope aí) que está ao ir, ao voltar, ao partir, ao recuar, está-se (estando-se) ao fetiche do ir e vir (nele e por ele enamorado) e que é tanta esta ida e esta volta na que não se vai, da que não se volta, que ele (estéril movimento) se torna (se tornará) a síntese empedrada dos direitos a que atende o principado burguês. O texto do Contrato legislativo, judiciário. O modo canhestro a que nos atenda aquele salto, àquela aposta. Embargar Penélope. Suspeitar que ela *atenta ao contra*. Suspeitar de seu espírito de negação. Todavia, vez mais, colocar-se desde as perguntas como quem atenta ao timão – carta de navegação o tracejado dos recifes o porto como limite ao de que nos pode a baía? Princípio motor, princípio de realidade. Sobrelevar os contornos nos que a baía ela não é a constância do começar que pelos canais de sua ligadura lhe será tão logo o oceano. Estar-se desde as perguntas. Será de fato esta a aposta? Deixar-se para as perguntas. Que quem sabe o roteiro desde elas ele se nos chegue – roteiro do que fazer, roteiro do como estar ao quando deste ‘quê fazer’, roteiro acerca do que se deve o esperar que é *ao ato* será que o sentido mesmo deste? Começar desde as perguntas que delimitam os modos não apenas ao que começa, mas que delimitem ‘ao justo’ que possa caber a um ensejo? Começar pelo justo, a casa da justiça, o palácio dos sábios os iluministas o escrutínio da Razão a tecnolatria aos acertos de contas porque em não havendo um deus há de haver um deus a esta sua ausência? Ausência povoada a que ela não atendesse aos sustos e tormentas de Rilke na primeira de suas elegias³. Começar

² Referência ao Sabato de *Antes del fin* (1998).

³ Eis o trecho com que Rilke inicia a primeira das *Elegias de Duino* (1922): “Quem, se eu gritasse, entre as legiões de Anjos me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração,

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

pelos perguntas que parecem elas rastreiam a valia do que se faz no que se faz a escrita, por exemplo? Rastrear a exemplaridade for o caso a escrita? Rastrear ao ato da escrita a escrita que nos encerre ao compromisso para com a liberdade? Estar-se de a elas em compromisso – centrado ao ilusório dos fins, ou mesmo que a uma finalidade sem fim com que nos acena as razões com as quais se deve atender ao porvir? Está-se (esteve-se) às letras de Sartre em seu *Que é a literatura?* (1948) – a guerra que lhe fora no ainda há pouco daquele tempo era-lhe próxima – *mas será isto lhe parece?* -, está-se a ver desde Sartre “o quê, o para quê, o para quem”⁴ que talvez fosse o governo do ato mesmo da escrita no que quem sabe a escrita forjasse a si uns seus princípios, o arremedo de sorte às suas intenções, os cuidados todos para consigo para que nela e por ela se garanta o que a ela não lhe diz respeito, qual seja isto, senão o compromisso entre duas liberdades que se abismam, a de quem escreve, a de quem lê? Onde esta liberdade que em se fazendo ela mesma parece atender àquelas condições prévias a este seu fazer? Onde esta terra à margem do tempo – na que seja todavia o tempo – o estar a ele inscrito, o estar *em situação a que atendemos*, mas que ainda que isto, é ‘onde esta terra’ à margem do tempo e que é ela a condição do que virá a ser? Condição que é a do compromisso – este mesmo como o entreposto entre dois. Onde esta terra, na que o tempo se lhe forja desde a práxis sacada ao histórico, mas que tantas vezes parece supor que é esta terra o lugar aquém do tempo desde onde se nos colorem as condições de reconhecimento e respeito aos modos da liberdade a que estamos?⁵ Será que não se abole o estar-se ao começo contínuo, o da escritura, quando dela e para ela se lhes escreve os pontilhados (ainda que em curvas e vieses) a que deva atender o ato da escrita? Será *livre* a escrita que atenda ao compromisso firmado entre dois, escritor e leitor? Será *livre* – pois que esquecida da origem e da destinação – esta escrita, o espaço que é o dela, se o que lhe couber desde a saída (*quando a saída?*), desde a largada (*quando e onde a largada?*) o entreposto entre um aquele que solicita a doação a um outrem que solícito ao que se lhe

aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo é terrível. E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo do meu soluço obscuro. Ai, quem nos poderia valer? Nem Anjos, nem homens e o intuitivo animal logo adverte que para nós não há amparo neste mundo definido” (p.3)

⁴ Que são os títulos a cada um dos seus três capítulos (“Que é escrever?”; “Por que escrever?”; “Para quem se escreve”). Exceção feita ao capítulo 4 que se chama “Situação do escritor em 1947”.

⁵ Talvez que se nos diga ‘não era isto o que Sartre *queria* dizer’, mas façamos ao nosso juízo a liberdade em aposta a que ele sugere e supõe ao leitor que somos, leitura esta que nos seja a de um ‘sonho livre’ (Cf. Sartre, 1948, p.42). Aqui é Sartre: “O leitor tem consciência de desvendar e ao mesmo tempo de criar; de desvendar criando, de criar pelo desvendamento” (p.37).

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

solicita busca doar-se desde as suas afeições ao que se lhes doa este ‘aquele outro’, o escritor? Está-se então ao *livre da escrita*? Não serão duas paragens, escritor e leitor, ainda que em curso, não serão duas paragens – distantes e fadadas à distância – às que se destinaria o espaço literário se este se retivesse à tarefa do comunicar? Uma comunicação entre duas consciências? O espaço literário fadado ao ato da comunicação entre dois? O espaço literário fadado a que se mantenha distante estes ‘aqueles dois’ (escritor e leitor) – cada qual de posse do que lhes seja próprio – o punhado de terra, o centímetro palmilhado às responsabilidades de sua liberdade em ato, o gado de suas ofertas, as doações o quinhão à fortuna o butim ao acordo, às afeições intersubjetivas? O espaço literário rendido à partilha na que se comunga uma vez e tão somente como quando se está às garantias que é desde a partilha, escritor e leitor, a cada um o que lhes for de ser de César (*desde de que não atenda em ser César o tabelião*), as partes bem formuladas do espólio? E a escritura esta esteira na que se faz dela o espólio, a herança, o primado de consumação a liberdade que se afere? Quem o juiz de partilhas – quem à aferição do que pleno se realiza? Jean-Paul?

II

Há de se começar sem cessar. E de tal modo isto que tantas vezes o que parece é que nunca houve este início – o ponto de aceleração em sendo ele arrancado aos seus limites que limitassem o mover do movimento – o zero, o fim – como gradações regradas e num crescendo delas o veloz. E então, nunca que isto. Esquecer o zero, esquecer o fim, esquecer o veloz – que este não diz do movimento a sua tônica⁶. Começa-se sem que se se aperceba do começo. Está-se, de entre outros, ao esquecimento da percepção. Está-se, de entre tantos, ao esquecimento ‘deste’ que é o quem percebe. Esquecimento de qualquer recuo no que uma percepção ela se fizesse sóbria e objetiva – ainda que às tentativas de anulação da subjetividade que a deflagrasse desde si e por si (*será isto – o sóbrio o objetivo - o delírio da objetividade neutra aos saberes – recuar até que se evite os ciscos da poeira do histórico, a sua nuvem abrumadora, ela a dissipada, ela o que se evita sobremaneira, e então montar-se o tribunal da Razão que experimenta mas que*

⁶ Cf. Deleuze & Guattari (1980). “1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: *Mil Platôs*. Aqui é Deleuze & Guattari: “*Lento e rápido não são graus quantitativos do movimento mas dois tipos de movimentos qualificados, seja qual for a velocidade do primeiro, e o atraso do segundo*” (grifo dos autores) (p.39).

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

não se mancha no que experimenta... o empirismo como delírio sórdido da Razão platônica – retorno do recalçado, ainda ela aqui, como quando de um ‘eu’ que se recusa no tanto que se resguarda ao íntegro de uma experiência a que se pretenda que ela seja total?). Está-se às inconstâncias do começo onde nunca é da certeza, o solo e os pés a ele afincados o de que se dispõe. Está-se às constâncias do começo no que nunca é a repetição o que se repete e que nos repete no que ela se repete e isto em sendo o de que se padece ou o de que se dispõe. Nunca que isto as constâncias do começo que não para. Nunca que aquilo as inconstâncias do começo que é sempre. Há de se começar. Está-se ao começo que não cessa. Mas a voz uma voz insiste que há de se começar e que há de se ter ao começo o norte que é aqui ‘o onde’ do começo, o *modo* deste mesmo começo, as suas razões arrancadas “*do reconhecimento de um fim transcendente e absoluto que suspende, por um momento, a cascata utilitária dos fins-meios e dos meios-fins*”⁷, o ‘para quê’ de que ele se faça – este mesmo começo, e o ‘para quem’ que é o que se lhe destina no que ela – a destinação - confere a necessidade a que se (nos) faça um começo – aqui e outra vez, o começo da escrita, o começo do escrever. Será a voz de Jean-Paul? Voz uma voz sempre ela uma voz, mas não fora Beckett quem nos diz da desnecessária certeza com relação ao ‘quem’ de toda voz?⁸ Deixar apenas que seja a voz um dos quadros à imprevisão dos caminhos. Deixar que a voz seja como dentre tantas o silvo que é o das cobras, o ronronar com o que nos toca os felinos, o arpejo arrancado ao encontro encanto das cordas – vocais não vocais, cordas ao embalo do corpo for o caso o exausto dele a extenuação, cordas com as do cipó que quando ao denso das matas o seu enroscado ele sirva de abrigo aos que trafegam. Deixar que a voz seja para fora do nome, deslocada de ele, voz que lançasse num para atrás de si camadas de poeira a embaçar as assinaturas e os seus motivos. Todavia a voz. Ela a se sobrelevar. Ela a se impor aqui ali. Esta voz *despessoada*, voz descarnada, voz como um trinar dos sons – metálica por vezes, aveludada noutras, voz sussurrante ao imperativo do que ela supõe e sugere, voz sibilante a buscar as conduções a que se lhes faça o verbo desde a voz que finge apagar-se no que se nos dispõe será que às afeições (*a do*

⁷ Cf. Sartre (1948), p.48.

⁸ Cf. Beckett (1980). Vejamos este trecho: “Para Quê, por quê, ou? Por que em outra escuridão ou na mesma? E de quem é a voz perguntando isso? Quem pergunta, De quem é a voz perguntando isso? E responde, De quem quer que seja que cria tudo. Na mesma escuridão em que está sua criatura, ou em outra. Pela companhia. Quem pergunta no fim, Quem pergunta? E quem, no fim, responde como acima? E, muito depois, acrescenta para si mesmo, A não ser que haja mais outro. Que não se sabe onde procurar. E menos do que todos, o inimaginável. O inominável. O último. Eu. Deixa-o depressa” (p.63-64).

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

*leitor? A do escritor? A do homem comum que todos somos?). Voz que se nos insiste com os nortes – que eles quem sabe se nos acenem desde o quando das chegadas, voz que se insiste com os planos de voo – que quem sabe eles encaminhem, convictos e em certeza, desde os sinais ao pouso de que seria feita a largada. Voz à exigência da escrita que ela se faça aos seus escaninhos o ajuste o conforme – for o caso a prosa que seja a prosa e que seja o que a prosa supõe que, de entre outros, o seria a firmeza de si a sua condição demarcada num para os longes da poesia⁹. Voz que parece trazer consigo o estilete da incisão, a cisão a sutura o recorte (*dizer disto a alienação ao espaço literário?*) - cortar a superfície da escrita a pele de que se a habita até que as misturas ‘os desfazimentos de gêneros deixados a ver navio’ estes se encaminhassem à redenção deste seu mal feito, e de à mesa cirúrgica se espraiasse aos confins da Hélade os rigores de conduta arvorados ao plano do ontológico e desde aí as suas partilhas em diretrizes ao político. Ser e estratégia. Voz a nos perguntar pelo começo mas sempre à inquirição-projétil de que este se faça de um ponto, desde ali e sempre, o ponto que quem sabe ele o ponto se fizesse a toada das injunções de que se haveria de preencher os embornais para o quando dos saltos, o estar-se a ele, o abissal da queda, a assunção do que à queda é nela a afirmação da condição trágica que é a toda hora e no todo do tempo. Começa-se pela escrita? Onde a escrita? Ela - as palavras eladas como quando do suporte? É ali a escrita – ali o seu ‘se fazendo’? A palavra que é a da boca mas que não ainda a da escrita, a palavra que é desde ela a boca o sopro mas que ainda não a escrita pois que não o seu pouso, o estacionário a ela, a retidão aos ventos de um sopro, vez mais os instrumentos de navegação a conferir o estatuto ontológico da palavra a escritura, mas que quando à boca ainda não, e eis e então que ela *faz-se* escrita tão somente quando ela faz uso da madeira transposta às condições do lápis e então o uso do lápis, o risco por meio dele, a palavra que era a da boca tomada ao arrasto das madeiras – floresta decaída, princípio de crime ambiental, reflorestamento não ao solo que é a terra inominada mas ao corpo do que se compõe sob à tutela de um nome, o do autor? Ainda aí e agora o nome do autor? Ali se principia a escrita? É de ali a escritura? For o caso a ele responder a escrita tão logo ele se lhe volte o golpe da chibata, o chiste ao*

⁹ Aqui é Sartre - ao seu anseio da delimitação: “Não se deveria concluir, porém, que se pode passar da poesia à prosa por uma série contínua de formas intermediárias. Se o prosador cultiva demasiadamente as palavras, o *eidos* ‘prosa’ se rompe e caímos numa algaravia incompreensível. Se o poeta narra, explica ou ensina, a poesia se torna *prosaica*; ele perdeu a partida. Trata-se de estruturas complexas, impuras mas bem delimitadas” (grifos do autor). (p.32 – nota 5 ao capítulo 1).

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

Imprimatur, a resolução a que venha à tona, o estatuto de existência conferido de ali, *o faça-se a luz!* Porém não sem antes arrumá-la aos ajeites às ocasiões, o azeite às roldanas emperradas, as catracas emperradas, a tamanca *esquecida* em meio ao maquinário que como os trilhos de um comboio não devem eles trazer visgos ao caminho – arrancar as tamancas, situar de ali a este ponto o ponto em que começa o começo que não cessa, limpar as peças, lustrar as palavras, arrancar os musgos à comunicação (*preceito, primado*), arrancá-los de ali que ali e por ali se lhe derrapa tão logo o veio do poético - o esquecimento das funções, o dismantelo de origem e destinação, aquele ponto zero, mas a voz, a voz, a do autor, a voz que tem dedos em pinça, a voz que tem calo às suas cordas como chapiscos aos que se faz arrastada a infâmia de uma escritura cega surda muda insubmissa insurgente, esta Varsóvia que é das palavras, a voz a barrá-las a voz a conjurá-las, a voz a amarrá-las ao tronco para que se lhes ecoe forte e contínua àquela trinca de perguntas (*o quê, por que, para quem?*), impor a ela os lanhos que como as cicatrizes por ali se lhes escorregue um bom traçado de sua história, a pequenina estória desde os umbigos, não o umbigo ao limbo, mas os umbigos como quintais no que a filiação se fez prenda que se distribui a que se saiba os lugares de à mesa, as cadeiras a ela dispostas, a cabeceira a lei - o autor, e a escrita que dele emanasse que ela estivesse ao lado direito que é o lugar no que se estica por continuação os galhos não tortos da perdição. Escrever deve ser de algum modo – assim – o escrever da escritura que prevê a biografia daquele que escreve. Evita-se-lhe as bastardias. Ou ao menos é para aí que tende o arremate das distintas massas textuais de que parece o texto é ele mesmo o escape no que se se escapa não é desde um lugar ou desde um princípio de metas ou condutas, no que se se escapa é ele mesmo o escape no que escapa o homem do seu sono dogmático no que ele caminha adormecido (*autor e veredicto*) ao patíbulo como nos diz Ernesto Sabato¹⁰, ou é ao menos é para ali que se arremete como quando é o texto esta corredeira esta corrosão este corrimento – sem origem sem destinação sem pergunta sem cercadura - Ainda o autor, vez mais e outra vez o autor? Sem que se lhe core as maçãs do rosto? Sem que se lhes esqueça que o rosto é imenso preciso ao autor – a fotografia tirada sob judice a que ele o autor se dê

¹⁰ Aqui é Sabato (1963): “Donne dizia que ninguém dorme na carreta que o conduz do cárcere ao patíbulo, e que, no entanto, todos dormimos desde a matriz até a sepultura, ou não estamos inteiramente despertados. Uma das missões da grande literatura: despertar o homem que viaja rumo ao patíbulo” (p.22). Sabato se acorda funções à literatura ao menos ele não supõe que se esteja de entre duas liberdades a se doar em meio às afeições sabe-se lá de qual ordem.

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

em acordada simpatia ao leitor que o fotografa e o decifra. Princípio de tudo – conluio aos assaltos a malta ajeitada a si, escambo acordado à acumulação primitiva de Capital, a posse restituída a ver se a palavra ela não escapa aos modos do sopro, às formas da dislalia, aos desleixos do desmemoriado, aos caprichos dos infames, aos delírios dos visionários. Não seria o autor este método, este antídoto? Este registro, esta função?¹¹ Talvez que não? Quando será começa a escrita? Será há este começo que nos atendesse em ser desde o silêncio a ausência da palavra e que a palavra em sendo sopro ela encerrasse o segredo do que a elas fosse o seu reverso, qual seja este senão àquele silêncio? Mas como, mas quando? Quando será começa a escrita de que escreve o escritor? (*Veza mais as perguntas, sempre elas, as mesmas porque também elas começam sem cessar*) Será que ao *deslimite* da página em branco na que sequer o suporte do papel lhe constrangesse a que fosse o rabisco o ensaio de tudo o de que lhe será? Ou será que é desde antes – ou será que é a ele, em solilóquio, em resguardo, no recuo que lhe seria o da torre de marfim, ou o escritório pós-moderno da oficina à fabulação – a tela catódica, os pontilhados brilhosos, o êcrã luminoso e vasto, sem fundo e sem reverso, o ‘onde’ se lhe planta as raízes da palavra? Será a ele o autor que ela começa? Seria de rir fosse o caso o riso não sugerir que trazemos conosco as chaves desta decifração. Seria de rir fosse o caso o nos dispormos às palavras-chave que acenam aos leitores o bom caminho aos ingressos – espécie de *trailer*-síntese pelo qual *está-se* de às garantias, sempre elas, sempre a elas o nós (*do que se gora, ao que se aspira, e tantas as vezes ao júbilo àquele gorar e o aspirar este nós este nó*), pelo qual *está-se* aos fiadores, sempre eles, a enunciar que começa o que, prefigurado, é-nos impróprio a todo começo. As palavras-chave, se as há, elas entortaram ao rolimã da maçaneta do texto. Todavia as questões elas se nos insistem. O *para quê*, o *para quem*, e o que é o pior dentre elas, o ‘*o quê*’ no encerro desde logo às insubordinações. Todavia outro modo já o dissemos – *será se o disse o suficiente?* - há de se começar sem cessar. Não fiar-se nunca à palavra ‘começo’. Tomamos de Blanchot esta sugestão. Não fiar-se à palavra ‘começo’.

(*e isto continua...*)

¹¹ Lembrança do texto de Foucault (1969): “O Que é um autor?”

QUEIROZ, André
Escrever a resistência, escrever a recusa

Referências bibliográficas:

BECKETT, S. *Companhia*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.

BLANCHOT, M. *O Livro por vir*. Lisboa: Relógio D'Água, 1959.

_____. *L'Amitié*. Paris: Editions Gallimard, 1971.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs*. V.5. São Paulo: Ed. 34, 1980.

FOUCAULT, M. *O Que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1969.

RILKE, R.M. *Elegias de Duíno*. Porto Alegre: Editora Globo, 1922.

SABATO, E. *O Escritor e seus fantasmas*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1963.

_____. *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix Barral, 1998.

SARTRE, J-P. *Que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1948.

_____. *Situations IX*. Paris: Editions Gallimard, 1972.

[Recebido em outubro de 2012; aceito em novembro 2012.]